

A Arte da Guerra: aspectos filosóficos e geopolíticos

The Art of War: philosophical and geopolitical aspects

Jesualdo Correia | jesualdo.c@gmail.com

Orientalista e Ensaísta. Rio de Janeiro, Brasil

Recebimento do artigo 05-abr-13 | Aceite 04-ago-13

Resumo Este ensaio tem por objetivo capturar alguns aspectos fundamentais e que são frequentemente negligenciados desta obra prima, o Sun Zi Bingfa – a Arte da Guerra –, assim como a sua sutil e plenamente madura subjacente psicologia; sua sólida démarche epistemológica, imanência geopolítica e refinadas pregnâncias metafísicas. O ensaio estuda também o texto em seu contexto histórico, suas genealógicas vinculações com outros textos do cânone militar chinês, muito particularmente a obra de seu descendente, o Sun Bin Bingfa. Conceitos fundamentais, vários, da sabedoria chinesa, encontram expressão ora plena ora subrepticamente no Sun Zi Bingfa. Um corte sincrônico é feito de modo a projetar luz sobre as aplicações contemporâneas da antiga ciência/arte militar, muito particularmente no campo da geopolítica. Um excursus no interior do texto apresenta exemplos de tática a partir dos chamados 36 Estratagemas e da importância que esses detêm. A Arte da Guerra como metáfora da guerra interior também é levada aqui em consideração. **Palavras-chaves** Sun Zi Bingfa, Arte da Guerra, Geopolítica, Método Militar. Filosofia Chinesa.

Abstract This essay is an attempt to capture some fundamental and often neglected aspects of this masterpiece, the Sun Zi Bingfa, as well as its underlying, subtle and fully matured psychology, solid epistemological démarche, geopolitical immanence and metaphysical refrained pregnancies. The essay also studies the text in its historical context and the intimate, genealogical ties with other texts of the Chinese Military Canon (dianji, 典籍), most particularly that of his descendant, the Sun Bin Bingfa. Various key concepts of Chinese mind, which find also their way into the Art of War, are here picked up and revealed as belonging to the core worldview of the text. A synchronic cut is made as to cast light on the contemporary applications of that ancient Chinese Science/Art, most particularly in the field of geopolitics. An inside-the-text concise excursus brings forth the importance of the so-called 36 Stratagems within the general framework of the Chinese military mind. The Art of War as a metaphor of inner war is also not disregarded. **Keywords** Sun Zi Bingfa, Art of War, Geopolitics, Stratagems, Chinese Philosophy.

Introdução

兵者，国之大事...。不可
察也！

"A guerra é grande assunto de Estado... não pode deixar de ser (exaustivamente) investigado." Sun Zi Bingfa

O *Sun Zi Bingfa*, o "Método Militar", conhecido mundialmente como *A Arte da Guerra*, à exemplo do Yi Jing, das obras de Lao Zi, Zhuang Zi, dos clássicos do Confucianismo e de outros textos exponenciais, firmou-se como um dos cânones da civilização chinesa. Constitui, portanto um dos vários pilares da visão múltipla de mundo e dos paradigmas cognitivos do Império do Centro.

Cerca de dois mil e duzentos anos mais antigo do que o estudo sobre a guerra de Clausewitz (1814), e de uns mil e novecentos daquele de Maquiavel (1513), o tratado chinês é, universalmente reconhecido como superior em sua fundamentação textual, profunda finesse psicológica, na lucidez de seu eixo epistemológico e rationale, na periscópica e sutilíssima dialética abordagem dos tópicos analisados, nas suas drásticas e chocantes receitas para situações específicas e, não menos, pelo caráter extremamente sucinto de sua sintaxe, dotada de estilo seco, quasi-sútrico, embora despojadamente exuberante pela força das imagens que evoca e pela cadência rítmica, tão próprias dos textos em chinês clássico.

Dentre aproximadamente uma dezena de outros textos canônicos da tradição militar chinesa, a "Arte da Guerra", a rigor *O Método Militar*, destaca-se como *primus inter pares*, a referência maior, aquele que inauguralmente encapsula todos os princípios e diretrizes dessa antiga ciência/arte do pensamento militar chinês. Em imediato grau de importância, o tratado de Sun Zi é seguido pelo do seu bisneto, Sun Bin, e que leva também o mesmo título - *Bingfa* -, e sobre o qual discorrerei um pouco mais detalhadamente adiante.

O tratado de Sun Zi é datado, na média das opiniões dos estudiosos, como tendo sido composto em torno de meados do século V antes de Cristo, embora alguns eruditos chineses tendam a situá-lo mais cedo, praticamente como um contemporâneo de Confúcio. Seja como for, inegável é que o texto surge no início do período dos chamados Estados/Reinos Combatentes (*Zhang Guo*) - 472-221 a.C. -, época final da decadente e cada vez mais dilacerada dinastia Zhou, que se iniciara com a queda da dinastia Shang, em cerca de 1122/1046 a.C.

Por conseguinte, essa obra representa eloquentemente o *Zeitgeist* da época de seu autor, Sun Zi (Mestre Sun), que era originário da província de Chu e viria a servir ao pequeno Estado de Wu, um dentre os sete que ferozmente guerreavam entre si nesse período, até por fim sucumbirem diante da hegemonia dos Qin, comandados por aquele que viria a ser o Grande Imperador da China reunificada, *Shi HuangDi* (始皇帝).

A referência biográfica clássica sobre a vida de Sun Zi encontra-se nas *Memórias Históricas* (*shi ji*, 史記) do cronista Sima Qian (司馬遷), que data do final do primeiro século da era cristã. Existe uma outra fonte, segunda em importância, o *Wu Yue Qiun-jiu*. Neste último texto é relatado o lendário e bizarro episódio que dá conta de haver sido a Sun Zi solicitado, pelo rei do Estado de Wu, que expusesse as suas habilidades de organização e comando. Sun Zi prontamente respondeu ao pedido e sugeriu que se fizesse uso das mulheres do palácio para tal finalidade, ao que o rei concordou. Após equipar umas 300 cortesãs com capacete, espada e armadura, Sun Zi sugeriu ao rei que dispusesse de duas das suas concubinas para atuarem como comandantes, ao que o rei também concordou. A seguir, ensinou a companhia a prestar atenção aos diferentes toques dos tambores e como se conduzirem para esquerda, direita, avançar, recuar etc, de acordo com as ordens recebidas. As mulheres, contudo, não conseguiam conter o riso, de tão inusitado que deveria lhes estar parecendo tudo aquilo. Sun Zi bateu então ele mesmo os tambores e deu ordens. As mulheres continuavam rindo, o que começou a enfurecê-lo. Ele então ordenou que os machados de execução fossem trazidos. A seguir disse, semi-exaltado: “se as instruções não são claras e por isso não são levadas à sério, a culpa é do general. Mas quando as mesmas ordens são dadas várias vezes e não são atendidas, a culpa é dos oficiais-comandantes. Nesse caso a punição é a decapitação”.

Então ordenou que as duas mulheres designadas como comandantes fossem decapitadas. O rei, sobressaltado, tentou interceder, alegando que não poderia abrir mão de suas concubinas, mas Sun Zi, como que dotado de um estrito código protocolar, retrucou que, de acordo com as leis vigentes, ele recebera a investidura (*shou ming*, 受命) de general (*jiang*, 蔣) e que detinha o poder de levar adiante as punições prescritas. E fez com que as mulheres fossem de fato decapitadas.

Sun Zi voltou então a dar os comandos para a “tropa”, que passou a atender todas as ordens prontamente. Terminado o treinamento geral, virou-se para o rei de Wu, que se encontrava mais acima numa plataforma e disse: “A formação está agora pronta para combate.”

O rei de Wu tergiversou por algum tempo (o que teria ocasionado a observação de Sun Zi de que o rei "gostava muito de palavras, mas que na hora da ação..."), talvez assustado com a determinação do estrategista, mas acabou por investi-lo com o mandato para guerrear o Estado de Chu, o que ele fez e saiu-se vitorioso.

Um outro pensador militar de fundamental importância foi Sima Rangju (司馬穰苴) – também conhecido como Tian Rangju (田穰苴), mas cujo nome de família era Gui (媯) –, originário do Estado de Qi e atuante ainda no final do período da Primavera e Outono, portanto anterior ao nosso Sun Zi e certamente um contemporâneo de Confúcio. Suas idéias militares foram bem mais tarde compiladas e passaram a ser conhecidas como o Si Ma Fa (司馬法) "Método de Si Ma", ou do Cavaleiro-Mór (correspondente ao Ministro da Guerra). Outros nomes do período ainda dos Estados Guerreiros (戰國) são Wu Qi 吳起, Wei Liao 尉繚, Shang Yang 商鞅, Pang Juan 龐煖, Wang Liao 王廖, Er Liang 兒良, Wei Wuji 魏無忌 (Senhor Xinling 信陵君), Zhao She 趙奢 e Bai Qi 白起, assim como os Zhang Liang 張良, Han Xin 韓信, Xiang Yu 項羽 e Li Guang 李廣 do início da era Han (漢 206- 220 E.C), dos quais sobraram apenas fragmentos, versões apócrifas ou simplesmente citações.

Até a recente descoberta de uma versão completa, em tiras de bambu, dos dois *Bingfa(s)* (ambos da família Sun), e que remontam à dinastia Han posterior, já no início da era cristã, o texto-estema disponível até então, pelo menos da dinastia Song em diante, era composto de uma montagem de diversas partes providas de fontes variadas e que seguiam a versão proposta pelo primeiro grande exegeta da obra, o comentarista, militar e depois imperador Cao Cao (III A.D.).

Existem 11 comentários canônicos sobre o texto, conhecidos com os *Shiyi jia zhu Sunzi* (十一家注孫子), o primeiro em ordem cronológica e importância sendo o do mestre Cao Cao (曹操), também conhecido como Wei Wudi. Os outros são Meng Shi (502-557), Li Quan e Du Mei da dinastia Tang (618-907), Chen Hao e Jia Lin, os famosos Mei Yaochen, Wang Xi, He Yanxi e Zhang Yu da dinastia Song (960-1279) e finalmente Du You em sua conhecida enciclopédia Tongdian (通典).

Portanto, além do Sun Zi, existem os chamados 7 *Textos Militares Clássicos* e mais umas duas dezenas de outros textos de referência, considerados de segunda importância, cujos autores e títulos fogem ao escopo deste ensaio enumerar. Digase apenas de passagem que, além dos canônicos comentários cujos autores foram citados acima, o número de estudos sobre o Sun Zi é absolutamente assustador. Em livro publicado na década de 1980 são listadas cerca de 3.800 obras chinesas

que tratam do *Sun Zi Bingfa* até a data da proclamação da República Chinesa, em 1911. Certamente de lá para cá tal número deve ter duplicado!

A primeira versão em língua ocidental, a rigor mais um resumo para comentário do que propriamente uma tradução integral, foi realizada pelo padre Jean-Jacques Amiot em 1772 (*L'Art de La Guerre*). Esta versão foi recentemente reeditada e profusamente comentada por alguns destacados estrategistas franceses (Paris: Pocket, 1993). A primeira versão inglesa veio à luz em 1905, levada à cabo por um oficial inglês, o coronel Everard Ferguson Calthrop. Esta versão foi seriamente criticada por Lionel Giles, cuja própria tradução de 1910 é até hoje considerada padrão, sobretudo pela riqueza de suas notas explicativas e elegância de estilo. Giles era sinólogo, tal como o pai, Herbert Giles, lexicógrafo de primeira grandeza, autor do famoso sistema de transliteração fonética do chinês, hoje superado. Várias traduções se sucederam, dentre as quais, de importância, as de Sawyer, Griffith e Ames. Atualmente existe uma pletora de “traduções” no mercado.

A longa e conturbada história da China

A história da China tem sido pontilhada por uma sucessão multilênar de ascensões e quedas dinásticas, rebeliões e movimentos revolucionários, mormente dotados de extraordinária ferocidade e catastróficas consequências. Portanto, essa longínqua história de radicalismo bélico constitui eloquente exemplo contrário à visão romântica que se possa ter de uma China inteiramente sábia e pacifista. Talvez, poder-se-ia alegar, teria sido tudo devastadoramente pior se os princípios de sabedoria próprios da civilização chinesa e latentes em seus tratados militares não existissem. De fato, o *Sun Zi Bingfa* reitera continuamente o quão preferível é evitar a guerra, ganhá-la sem ter que travá-la e, se ravando-a, preservar ao máximo os costumes, vidas, propriedades e colheitas. Mas tais princípios foram sempre mais frequente do que raramente violados. Ao longo de sua prolatada história, nos processos de exacerbada radicalização política e bélica, mormente após extensivos períodos de caos provocados por conflitos internos ou invasões externas, o novo momento que torna-se hegemônico apresenta uma *reductio* sobre os amplos vetores da visão de mundo dessa notável civilização, ocorrendo um estreitamento, uma severa *cloisure* no diafragma político-epistêmico que passa a predominar. Esse frequente fenômeno, de Shi Huangdi a Mao Zedong, constitui compreensível contradição, tendo em vista ser natureza

do homem tal como *ainda* é. “Os seres humanos do planeta Terra”, dizia Belzebu ao seu neto durante a viagem cósmica que faziam à bordo da nave interplanetária Karnak, “não conseguem superar o maléfico hábito de se auto-destruírem continuamente”.

Diga-se aqui de passagem que o termo contradição em chinês moderno, palavra dissilábica, encerra uma anedota etimológica bastante peculiar. Um certo vendedor de lanças e escudos percorria as cidades propagando que suas lanças (mao 矛) eram de tal qualidade que poderiam perfurar qualquer escudo. E a seguir propagava que seus escudos (dun 盾) eram invulneráveis a qualquer lança. O povo perplexo perguntava como tal podia ser, e ele, por alguma boa razão, não se dava ao trabalho de explicar. *Maodun* passou a significar *contradição* e o próprio Mao Zedong, em texto fundamental de 1937, *Sobre a Contradição*, faz uso da expressão como título da obra (*maodunlun* 矛盾論).

Mas o manancial de sabedoria contido não apenas no *Sun Zi Bingfa*, mas em todo o espectro canônico da Ciência/Método/Arte militar chinesa – dentre eles os 7 Clássicos editados na Dinastia Tang e consagrado na Song – servem para uma série de outras áreas nas quais um Estado haverá quase sempre de se encontrar envolvido; geopolítica, propaganda, luta política interna etc. Possamos nós também extrair moderadamente desse texto fundamental outras importantes lições no campo da psicologia das relações humanas. O texto reflete inequivocamente, não menos, considerável parcela do espectro da visão de mundo não apenas daquela época, dos períodos pretéritos da China, mas igualmente da atual.

Como vimos, a época tumultuosa em que se supõe ter vivido Sun Zi é imediatamente posterior à do próprio Confúcio, talvez cerca de meio século da morte desse, que ocorre em 479. Trata-se de um período da história chinesa que se encontra no bojo da irradiação das chamadas Cem Escolas (zhu zibai jia 诸子百家). Em termos de paz social, uma época de imensas conturbações, em termos de florescimento do pensamento, uma verdadeira Idade de Ouro. Em pleno florescimento, encontram-se incontáveis escolas de pensamento, inclusive aquelas diretamente voltadas para o ordenamento da pólis, do Estado, tais como, em particular, a de Han Fei Zi e seu Legismo, cuja ideologia autoritária é designada por alguns sinólogos ocidentais como o proto-fascismo chinês.

Por essa época também encontra-se em *status nascendi* uma *ars diplomatica* (zonghengjia, 縱橫家/纵横家), cujos nomes mais representativos são os Zhang Yi e Su Qin, defensores de uma espécie de Realpolitik nas relações externas do Estado. O Confucianismo, particularmente através das vertentes de Meng Zi (Mêncio) e

Xun Zi estarão em breve em plena expansão, mas se tornarão em breve o principal alvo, quando da emergência do legalismo como ideologia do futuro Império em sua primeira etapa revolucionária. Esse macarthismo "legista" será implementado sobretudo pelo primeiro-ministro do novo Imperador Shi Huang Di - Li Zi – e ensinará eventos icônicos da época, tais como a perseguição aos literatos (ru jia), queima de livros e uma profunda reforma ideológico-depurativa do número de caracteres da língua chinesa.

A maturidade do texto do “Arte da Guerra” de Sun Zi, e a de seu descendente e sucessor, Sun Bin, refletem sem dúvida a riqueza desse manancial filosófico da época, mas não menos a cruel e conturbada situação sócio-política. Sun Zi enfatiza, ao longo de todo o texto, que a guerra deve ser evitada tanto quanto possível, pois que ela acarreta despesas, destruição e confusão. Não existe no “Arte da Guerra” a implacabilidade propugnada no Maquiavel de *Il Principe* ou no *Dell'Arte della Guerra*. Não obstante, não há de se negar que o realismo que percorre a racionalidade do texto pode perfeitamente conduzir a “maquiavelismos” do mais alto teor. Não existem de fato ali cinismos próprios de um ethos subjacente, mas antes um arcabouço humanista que emite julgamentos de bom senso e lucidez, sempre amparado por uma visão de mundo que aspira à harmonia nos níveis micro e macro.

Mais do que qualquer influência confuciana ou daoista, é na visão de mundo cosmogônica e filosófica da mente chinesa, provinda longinquamente das épocas do “céu anterior” (*xian tian*), épocas que segundo os filósofos chineses encontravam-se em maior conformidade com o Dao superior. O *Dao*, conceito absolutamente axial, é usado por Sun Zi num espectro de acepções, sendo que sua dimensão mais cósmica, assim como a ética – e a força que dela deriva, *De* – permanecem como pano de fundo.

Abordarei e tentarei aprofundar neste estudo alguns dos conceitos centrais do texto, tanto em suas maiores ou menores variações semânticas ao longo do tratado, quanto em suas mutações de sentido, por força das “variantes” (*bian*) e circunstâncias (*qin*) de ambos os *Zeitgeiste*, ou seja, o da época do *Sun Zi Bingfa* e o nosso atual. Tentarei igualmente realçar a importância da consciência dialética que atravessa toda a *rationale* argumentativa, assim como a estratégia da retórica textual. Essa dialética tem por pressuposto o contínuo fluxo das mutabilidades, com os opostos em contínua interação. Esse é o pressuposto que percorre qual fio de Ariadne um outro livro, ainda mais fundamental para o pensamento chinês – o Livro das Mutações (*Yi Jing* 易經), texto fortemente arcaico em estilo, sobretudo antes da exegese produzida pelo próprio Confúcio.

O *Sun Zi Bingfa* apresenta-nos uma visão estruturalista quanto à análise dos elementos componentes das “condições” do si mesmo (o Estado, no caso) e do adversário, assim como uma percepção arguta e atenta do timing em curso nas ações. Investigar, analisar comparativamente e planejar, mantendo em aberto a via da compreensão/ação heterodoxa, complementar à via formal, ortodoxa. Alternância dialética: vazio/pleno – tão utilizada igualmente na pintura e nas marciais; compaixão/magnanimidade (o *ren*- daoista e confuciano) versus severidade punitiva; avançar/recuar, mobilidade/imobilidade. E toda uma gama de estratégias de ardis/ludibrios (*guei*), ofuscamento da luz (*dao guan*) e mesmo invisibilidade (*wu xing*), maquiavelismo brutal e amoral no uso de expedientes, como no caso do último capítulo, dedicado ao uso de espões (*yong jian*), e que trata igualmente de técnicas de contra-informação.

Linhagem epistêmica

O *Sun Zi Bingfa* deve ser visto dentro de uma linhagem espiritual-filosófica, completada e aprofundada ainda à época de seu momento inaugural por seu bisneto, Sun Bin, o que significa dizer que há uma corrente de transmissão de conhecimentos, uma *silsilah*, como diriam os súfis, ou *parampará*, de acordo com os hindus, que foi se concretizando dentro do universo epistemológico chinês (conhecida também como “escola da família Sun”, Sun jia). Sun Zi é um *chef d'école*, o ponto de síntese de uma visão que se se consolida, que torna-se inaugural em termos de esculpimento e moldagem, e em torno da qual um campo de saber, com raízes na mais profunda tradição de ascendência daoística viria a se consolidar.

O texto do “Arte da Guerra” tem causado admiração e espanto no Ocidente pelo realismo de seu teor, incontestável rationale e sutil psicologia, desde que foi pela primeira traduzido, em 1772, sendo lentamente redescoberto a partir de inícios do século XX, primeiramente com a criticada tradução do coronel Calthrop, de 1904, e, logo a seguir, em 1910, pela excelente do sinólogo britânico Lionel Giles, repleta de comentários, e que se tornou referência obrigatória até hoje. Vislumbrada por militares americanos, ingleses e australianos na década de 1930, seu prestígio começou a crescer vertiginosamente no Ocidente, sobretudo quando tomou-se consciência de que o tratado, acompanhado de outros tratados menores, mas igualmente importantes do cânone, era leitura obrigatória dos comandantes

chineses, coreanos e japoneses ao longo dos séculos. Mao Zedong e Giap o usavam como livro de cabeceira e assim passaram a fazer inúmeros generais americanos a partir de 1950.

Sun Bin (孫臏), bisneto de Sun Zi, também conhecido como Qin Sun Zi (齊孫子), como referência ao Estado do qual era originário, terá vivido por volta de meados do século IV. O sobrenome Bin advém de uma referência ao castigo que ele teria sofrido por força de intrigas de um desafeto junto ao rei de Wei. Tal punição, neste caso a extração das rótulas de seus joelhos, era uma das variantes das 5 Punições (wu xing, 五刑) clássicas da China antiga.

Da “Arte da Guerra” de Sun Bin era conhecida uma versão de 33 capítulos curtos, que a filologia e exegese chinesas atuais reduziram a 16, por considerarem os restantes apócrifos. Esse texto, posterior de uns 50 anos, mas que constitui uma continuação indissolúvel desse ofício da família Sun, é complementar, mais incisivo em certos aspectos filosóficos, e até mesmo absolutamente esotérico em outros. Certa metafísica imanente aqui e ali, paradoxal talvez diante da estrita *rationale* do texto, fiel à sua genealogia, não é de modo algum prodigalizada, e não diz respeito ao misticismo oracular, mas sim aos elementos de uma visão cosmológica presente no Yi Jing, assim como aos conhecimentos que na China antiga não adquiriram a amplitude e o estatuto que possuíam na Babilônia e em épocas posteriores do mundo antigo do Oriente próximo: o da astrologia.

Num capítulo denominado Yue Zhang (月戰), Guerra Lunar, Sun Bin, depois de enfaticamente afirmar ser o ser humano o que de mais importante existe entre o céu e a terra, admoesta quanto à necessidade de se conjugar os conhecimentos providos das estações do céu (que deve ser por extensão entendido para além da literalidade, ou seja da estações do ano). E ele continua: “Se em vez de dez batalhas se obtém a vitória seis vezes, é devido às estrelas. Se em dez batalhas se obtém a vitória sete vezes, é devido ao sol. Se em dez batalhas se obtém a vitória oito vezes, é devido à lua. Se em dez batalhas se obtém nove vitórias a lua se tornou plenamente cheia. Mas se em 10 batalhas ocorrerem 10 vitórias, ocorreu passagem do ponto de inflexão, haverá infortúnio”. E aqui a visão axial é tipicamente chinesa, ou seja, a partir de certo momento de um movimento ocorre uma inversão, uma inflexão, é o ponto de mutação. Mas, também, ocorre a menção a um certo tipo de conhecimento que ainda não pode – e não deve no contexto – ser aprofundado, o saber das influências cósmicas sobre o comportamento das coisas da terra e dos homens que sobre ela habitam. Mas como para a epistemologia chinesa em geral aquilo que é compreendido o é antes na esfera dos processos de

percepção interna, no âmbito dos sentidos (yi – na dupla acepção aqui, a do sensorial e da abstração) para depois ser conformado às palavras (forma: *xin*, *xiang*) e adquirir, por meio dos caracteres da escrita, sua codificação como *logos*.

A Arte da Guerra como metáfora da guerra interna

A guerra externa, a guerra de destruição mútua dos homens, é a mais drástica metáfora de outras guerras travadas em tantos outros planos da condição humana, dentre essas as lutas que travamos no plano das relações sociais e aquelas que ocorrem em nosso mundo interior, no aparentemente interminável fluxo de fricções que consciente ou inconscientemente ocorrem nas esferas do nossos planos mental, emocional-afetivo, sexual, instintivo etc. Além dessas, os atritos e compatibilidades/incompatibilidades gerados pela contínua interação dos elementos do planeta Terra – o homem deles fazendo parte – refletindo a correlação de vibrações cósmicas que até aqui nos chegam, e das quais, certamente, somos originários.

Na tradição metafísico-psicológica do sufismo considera-se que verdadeira “guerra santa” é aquela que se trava no interior (*batin*) enquanto que a externa (*bahir*) é de secundária ou nenhuma importância.

Portanto, as lições, receitas e exemplos advindos do campo de batalha e dos bastidores propriamente ditos, a guerra entre estados com as peripécias do ofício bélico, servem diretamente de material alusivo para outras aplicações, nas mais diversas áreas e o mundo dos negócios e do marketing, foi o primeiro a tirar proveito desse potencial latente no *Sun Zi Bingfa*, já a partir das décadas de 1970 e 1980. Por extensão é lícito realocar conceitos, enfoques, táticas e estratégias ali contidos em áreas como as das relações domésticas, profissionais, sexuais, afetivas, etc, etc.

O *Método Militar*, para que nos mantenhamos sempre atentos para o verdadeiro sentido do título da obra de Sun Zi, assim como da de seu neto, Sun Bin, constitui, somos alertados desde o início, objeto de suma importância como assunto de Estado, vital para a sua sobrevivência ou colapso de uma nação ou de um povo. Para Sun Zi o conjunto de preceitos, fórmulas, exemplos e parábolas que constituem o material de seu tratado abrangem tópicos que constituem indireta ou diretamente desde uma Teoria de Estado até os meandros psicológicos de

um arco cognitivo que se projeta entre visões estratégicas e uma miríade de táticas e estratagemas. Digo miríade porquanto sob a orientação de alguns conceitos fundamentais, princípios guarda-chuva, a saber, entre outros, da adaptabilidade cognitiva e estratégica aos fluxos de mudanças das condições externas e internas, o assumir de posturas heterodoxas que ao se alternarem com as ortodoxas, formais, deverá abrir espaço para inventividade que novas soluções que cada nova situação possa exigir.

Filosofia e Weltanschauung

O termo soa pomposo, algo anacrônico, mas retém uma força que o correspondente em português – “visão de mundo” –, ainda não possui lastro para tentar superar. Usarei os dois alternadamente.

Existe, sem qualquer sombra de dúvida, uma visão de mundo subjacente ao *Sun Zi Bingfa*, e essa visão é fiel à linha epistêmica que percorre o pensamento chinês desde a sua mais alta antiguidade. Ela é estrutural, incorpora uma relação dialética lato senso, é moderadamente metafísica, sem dogmatismos imanentes, e é fortemente apoiada pela experiência histórica, a natureza e o social oferecendo abundantes exemplos dos quais o bom senso extrai as suas lições complementares, por meio de investigar, analisar, comparar e concluir. Esse arcabouço de princípios holísticos subjacentes, sejam de natureza cosmológica ou social, encontra-se presente já no *Yi Jing* e na tradição daoista, mas não menos no próprio Confúcio e seus seguidores. De uma maneira geral eles percorrem sob roupagens idênticas ou diferentes quase todas as chamadas Cem Escolas Filosóficas e não menos o próprio Legalismo.

A pedra angular desse *Weltanschauung* é como vimos o conceito de Dao, que em última instância diz respeito à própria ordem cósmica do universo, algo semelhante ao *Rta* do hinduísmo védico, sendo pois o “caminho” de conformação às leis próprias das coisas, ao fluxo natural das leis cósmicas e da natureza. E, não obstante ser Sun Zi um pragmático tratando de um objeto específico – a questão da guerra, e sua aplicação desse conceito ocorrer em acepções menores, não se ocupando em qualquer momento com qualquer explicação filosófica ou cosmogônica – seu *Vade Mecum* Militar deixa-se atravessar imanentemente pela luz de fundo daquele princípio maior. Debussy dissera certa vez que no Parsifal de Wagner, a luz projeta-se vindo por trás, em geral pelas madeiras. No “Arte da Guerra”

essa luz é o conceito do Dao. A questão de saber se há ou não princípios cosmológicos e filosóficos no *Sun Zi Bingfa* constitui uma não-questão para os chineses, coreanos, japoneses e vietnamitas que de longa data se ocupam com ele, algo que é inteiramente óbvio por si mesmo.

A partir de um enfoque epistemológico, o *Sun Zi* é também uma obra que surpreende pelo primor de seu instrumental cognitivo, na insofismável *essencialidade* de seu *logos* operacional. Se por um lado esse *logos* constrói uma inegável *rationale* cognitiva – e psicológico-cognitiva – que atravessa a obra, por outro estamos não menos subrepticamente, como um subtexto, no mais puro território de uma epistemologia encapsulada, bem típica da mente oriental, mas no caso bem especificamente a da epistemologia chinesa, cingida pelo gênio da língua. Mas aqui, essa forma axiomática de expor revela para o observador externo atento, o leitor paciente e bem avisado, um vasto percurso cognitivo por trás dos bastidores, dele e do legado da sabedoria chinesa da qual ele é mais um dos frutos.

Ter clareza no entendimento dos assuntos bélicos, nos assuntos de guerra (de vital importância para o Estado, questão de vida ou morte), é compreender os elementos constitutivos de si mesmo – o lado de cá – e os do inimigo, o lado de lá. E ele então apresenta o tripé dessa *démarche* cognitiva que desemboca no Planejamento, três procedimentos cognitivos que se conjugam: 1) investigar (*cha*) aquilo que vai se apresentando como dados da realidade (ou seja, todo o espectro de fatores) e 2) analisar (*soe*) 3) comparando (*jiao*), por meio do que procede-se ao planejamento (*ji* então constituirá o aspecto formal, ortodoxo da estratégia). O aspecto/elemento heterodoxo, cuja a forma é imprevisível, ocorrerá *a posteriori*, no transcurso fenomênico das realidade que irão surgir. E esta visão cognitiva encapsulada, essencialista é insofismavelmente epistemológica e é extraordinariamente superior àquelas presentes nos textos de Maquiavel e de von Clausewitz, posteriores que são de cerca de dois mil a dois mil e trezentos anos ao *Bingfa* do *Sun Zi*. E esse é um dado de suprema importância e que não pode ser de modo algum desconhecido, negligenciado ou banalizado. Aqui se encontra a superioridade da *rationale* desse texto, a par de sua psicologia subjacente, não menos extraordinária.

Mas *Sun Zi* precisa lidar, a partir do eixo cognitivo, com uma série de aplicações decorrentes de conceitos basilares, dentre os quais o do Dao, e no contexto em que ele o emprega sua compreensão é inequívoca, cabendo ao tradutor adaptar essa pregnância semântica e sua aplicação textual concreta aos termos que a língua receptora e seu universo cultural exigem. Assim sendo, já no primeiro

capítulo e nos primeiros parágrafos temos o Dao sendo usado num sentido ético, no sentido de *rationale* e de *modus operandi* e na sua acepção genérica.

O que impõe-se aqui como intergiversável fato é a assertiva de que quando surgem tanto o Método Militar/Arte da Guerra de Sun Zi, assim como Sun Bin, cerca de meio século depois, os elementos essenciais de uma visão de mundo chinesa, em que pese a extraordinária diversidade de variações (*bian*), muitas vezes quase que frontalmente em contradição, já estavam desde longuíssima data definitivamente consolidados. Embora não inteiramente explícitos, a presença imanente ou explícita desses conceitos emanam como alma que move a obra: *Dao*, *Yin/Yang*, *Ren*, *De*, *Yi*, *Qi*, etc, todos conceitos centrais na visão chinesa de mundo.

Qi, energia vital, pneuma, animus

Um dos conceitos absolutamente axiais do pensamento filosófico chinês, cujo uso é universal em todas ou praticamente todas as escolas, é o *qi* (氣), energia cósmico-psico-somática que percorre os seres vivos, que existe já potencialmente a certo nível desde o nascimento e que pode ser desenvolvida, expandida ou regredida. O étimo do caracter fala um pouco pela visão ancestral que lhe é subjacente, pois que a parte superior evoca os vapores que emanam do arroz (*mi*, 米) quando está sendo cozido. O *qi*, esse *animus* que percorre o ser humano, está também sujeito a alternâncias de menor ou maior expansão (*yin/yang*), e ocupa uma posição importante tanto em Sun Zi quanto em *Sun Bin*, sendo que no caso deste último é dedicado um capítulo inteiro, ainda que curto: “Expandindo o Qi”.

Na tradição chinesa dos textos de Métodos Militares o *qi* é visto em termos concretos como energia vital, mas também abstratamente como entusiasmo (*Begeisterung*) e moral das tropas. Pragmática e receituária como a mente chinesa costuma ser, fórmulas e prescrições de como expandi-lo, ou preservá-lo de desgastes, são oferecidos em diferentes instâncias. Trata-se de tornar o *qi* mais forte e aguçado. Uma psicologia sociológica, e não menos uma semiótica, são igualmente abordadas, através das quais exploram-se os fatores da relação familiar-afetiva dos soldados (através de intimidações e chantagens retaliatórias) e até mesmo os tipos de vestimentas militares que haveriam de exercer um maior impacto sobre o *qi* de cada um, tais como os “casacos curtos e as roupas ásperas”. Os tambores fazem sem dúvida parte desse pacote.

Geopolítica: A China Antiga e a Multipolaridade Atual

Inúmeros generais e estrategistas civis chineses e ocidentais consideram que existe um notável número de similaridades entre o mundo multipolar que emergiu nos últimos 20 anos (como colapso da União Soviética, mas o ressurgimento da Nova Rússia a partir da primeira década de 2000 e a colossal emergência da China atual) e os cerca de 250 anos do período conhecido como Estados/Reinos Combatentes da China anterior à unificação. Tratava-se, então, fundamentalmente não apenas das guerras por sobrevivência, mas também por obter hegemonia, prevalecer econômica, política, tecnológica e geopoliticamente, o que acabou por ocorrer sob a égide de um minúsculo reino feudal, o do Estado de Qin.

Nos tempos atuais, já desde a década de 1990, os estudiosos chineses debruçam-se sobre as semelhanças e a maioria dos teóricos militares chineses enaltecem com adjetivos exuberantes as extraordinárias correspondências que o legado da história chinesa lhes proporciona para entender o presente momento. Conceitos fundamentais são extraídos do Sun Zi e dos demais tratados para compreender a era atual, tais como, além do *Shi* (*Momentum*), *Ba* (hegemon), mas igualmente os Cinco tópicos do primeiro capítulo e os 7 estratégias e as 6 Condições (*liu qin*) Wu Zi, as quais servem perfeitamente para a compreensão precisa da questão de Segurança Global no momento atual.

A maioria dos estudiosos dedica especial atenção ao imperativo de Sun Zi quanto ao Planejamento/Cálculo de condições (o carácter chinês *ji*, 計, absolutamente nuclear na obra, presta-se a essas duas variações semânticas) e vê no realismo de Sun Zi um extraordinário momento inaugural de *rationale* política e bélica.

Quando Deng Xiaopin dizia em linguagem típica das expressões idiomáticas chinesas de quatro caracteres (*cheng yǔ*, 成語): *dao guan yang hui* (韬光养晦) – “oculte o brilho e cultive a obscuridade”, a palavra de ordem era clara dentro do mais profundo da compreensão e alma chinesas: crescer em todas as direções sem atrair a atenção, sem *hybris*, ocultando tanto quanto possível a luminosidade crescente e os méritos para evitar a retaliação do hegemon, atuar tão discretamente e invisivelmente quanto possível e sobretudo *bu chu tou* (不出頭), “não colocar para fora a cabeça” (imagem que talvez aluda à tartaruga, um dos símbolos de sabedoria e longevidade da China). E, em termos de *soft power*, é exatamente isso que a Chi-

na vem fazendo nos quatro continentes; é exatamente isto que ela vem fazendo em termos de ampliação de sua percepção e compreensão da mente e do sistema econômico, social e civilizacional do Ocidente, particularmente de seu eminente oponente, os Estados Unidos. Passada a fase clássica da Sinologia os chineses estão desenvolvendo – discretamente, “ocultando o brilho” – uma espécie de Ocidentologia para uso interno. E que momento ela está adquirindo nesse processo, a julgar até mesmo pelo valor de face do número de estudantes que ela envia anualmente para o exterior e que voltam especialistas – o velho sistema de altíssima gradação da China mandarinal ainda prevalece –, cuja vasta maioria retorna trazendo aporte e sendo imediatamente contratado para os órgãos governamentais.

Mas tal visão estratégica, que tem prevalecido até hoje, não é absolutamente soberana e críticos tais como He Xin pensam que a China deveria tomar logo a dianteira e, à exemplo do que ocorreu nos Estados Combatentes, aliar-se a outros estados para combater frontalmente o hegemon na cena internacional, a saber, os Estados Unidos. He Xin, um geopolitólogo voltado para as questões da multipolaridade, é absolutamente convicto, face ao inevitável declínio americano, que a década crucial será a de 2020 a 2030, quando o mundo se deparará com uma passagem inexorável de paradigma em termos de hegemonia.

Mas para Sun Zi os assuntos de guerra constituem matéria não menos para a via do ludibrio! Assim sendo, o pensamento estratégico chinês conta sempre com a possibilidade de inúmeros falsos direcionamentos e inimagináveis *false flags operations* que podem (a importância das estratégias heterodoxas, *qi*) ser exercidas pelo hegemon em declínio. Uma desestabilização do Tibete e da região autônoma de Xinjiang, composta de maioria muçulmana, é tida como das mais prováveis. Os chineses parecem estar particularmente conscientes do fato de que o colapso da União Soviética deu-se por uma elaborada e conjugada ação de técnicas de falso direcionamento, tais como os de incitar Moscou a embarcar numa aventura de guerra nas estrelas, reduzirem o preço do petróleo no mercado mundial de modo a aleijar a sua principal fonte de renda, assim como a manipulação do câmbio, tanto quanto a fomentação de instabilidade na sociedade civil. Uma vez mais, fala alto aqui o princípio chinês de mobilidade de posicionamento, coletando informações, observando multiplamente a realidade e se adaptando às novas realidades que vão surgindo.

Portanto, o cânone chinês da Ciência ou Método Militar, à exemplo de inúmeras outras áreas do conhecimento humano, possui no Império do Centro uma longa história, não menos longa e farta exegese, e oxigena e guia o pensamento es-

tratégico e tático da China atual. Os erros de ausência de visão estratégia de longo prazo tão absurda e criminosamente cometidos, por exemplo, no Oriente-Médio, para recolher apenas um dentre tantos outros, jamais seriam cometido por líderes como Mao ou Deng, pois que para eles era imperativo “ceder nas pequenas questões sem perder de vista a hegemonia, que é a meta para as grandes estratégias”.

Wei qi e Hegemon

Mas não é no xadrez que a conquista do status de hegemon, para o pensamento chinês, encontra a sua melhor metáfora, seu melhor exemplo, mas sim, inequivocamente, no conhecido *Go*, jogo inventado na China, onde é conhecido por *wei qi* (圍棋). É a partir da visão geométrica do tabuleiro do *weiqi* que o chinês concebe seus *war games*. A diferença entre os dois jogos, xadrez e *wei qi*, em termos de visão estratégica, é gritante. Enquanto o primeiro pensa quase que linearmente a partir de seus tipos de ataque ou defesa, tendo por objetivo último destruir o inimigo com a eliminação do Rei, no *wei qi* trata-se de ir paulatinamente criando *momentum*, estrangulando por cerceamento, eliminando o potencial inimigo a partir de seus erros e perdas, mas sempre deixando um espaço de sobrevivência à vista. O *wei qi* talvez constitua a mais eloquente visualização geométrica que o pensamento militar adquiriu para as questões de grande estratégia, e é amplamente utilizado como metáfora, paradigma e *modus operandi* em todo o Extremo-Oriente. É a plena expressão do *soft power in progressive action*.

Tal constatação ensaja-nos uma vez mais algumas das máximas do *Sun Zi Bingfa*: “nunca acuar um inimigo em situação de total desespero, pois que ele pode liberar forças de luta pela vida muito destrutivas” (é o chamado *si di* – “terreno da morte”), assim como aquele que diz que uma vitória superior é aquela em que se conquista o país ou o exército inimigo intactos (*quan jun quan guo*).

Peculiaridades do Chinês Clássico

O chinês do *Sun Zi Bingfa* é tipicamente o da língua clássica, cujas construções sintáticas, paralelismos, ritmos e vocabulário são representativos da época, à exceção talvez de ser o estilo severamente seco, despojado embora de modo algum destituído de riqueza imagística e metafórica. A estratégia textual

e sua *rationale* são de uma lucidez surpreendente para a mente ocidental, acostumada a ver no pensamento chinês uma eterialidade poética desprovida de lógica. Engana-se fatalmente o tradutor de chinês clássico que acredita haver nessa ou naquela passagem árdua o uso aleatório de caracteres ou construções sintáticas obscuras (de novo o pressuposto falacioso de que não haveria uma *rationale*, mas especulações poéticas), talvez apenas uma excentricidade do autor, confuso tratamento temático. Na absoluta maioria dos casos, um texto chinês reflete uma larga experiência anterior, uma espécie de sacramentada “empíria que se tornou teórica”, sancionada por fortíssima tradição oral. O próprio chinês clássico dos textos canônicos e para-canônicos foi durante muito tempo – ao contrário do sânscrito que foi se tornando cada vez mais uma meta-linguagem – a língua falada. Portanto: respaldo vernacular, simplicidade e plena *rationale* sintática, a despeito dos inevitáveis processos de sofisticação e mutações semânticas e estilísticas que moderadamente acabariam por ocorrer ao longo do sobe e desce dos períodos dinásticos. Uma “palavra” em chinês é sobretrudo um campo de múltiplos significandos correlatos, uma injunção semântico-semiótica de adjacências que tão somente a *rationale* do contexto tornará o sentido inequívoco, mas que também não raramente, por extensão, ultrapassa os limites desse campo original e, enveredando por acidentes de corruptela ou por apropriação de mutação tônica, passa a significar algo inteiramente diferente. Típica da mente chinesa é exatamente a concretude de suas metáforas, em geral extraídas do vasto reservatório das tradições populares, as camadas mais antigas do Yi Jing constituindo um exemplo eloquente disso.

O chinês clássico prima por formular compactamente ideias que para a mente chinesa são de per se imanentemente claras, o que o diferencia das elaboradas e por vezes superficiais montagens do chinês moderno. Uma frase de meia linha em chinês clássico pode exigir até duas linhas de texto em chinês moderno para que se torne plenamente inteligível.

Assim sendo, a dificuldade consiste em alcançar o estágio de sintonia epistêmica e de sua concomitante visão de mundo. E então adaptar ao que de mais próximo possa existir em nossas línguas. Quando tal sintonia lexicográfica é impossível, a glose se torna um indispensável expediente. A palavra, seja em seu revestimento gráfico (*zì*), seja em seu potencial semântico (*jū*), constitui para a mente chinesa apenas o revestimento exterior, uma ferramenta para expressar sentidos e ideias (*yì*). E a consciência dessa dicotomia prevalece palpitante nas entranhas das *démarche* cognitivas. Em um locus clássico, Zhuang Zi explica... *yan zhe so yi*

zai yi, de yi er wang yan... “as palavras são usadas para facilitar sentidos, uma vez obtidos sentidos, as palavras são (entenda-se: deveriam ser) esquecidas...”

O texto chinês do “Arte da Guerra” instrumentaliza palavras, metáforas, procedimentos sintáticos típicos do chinês clássico para transmitir sentidos, sentidos de um conjunto de conhecimentos de uma área específica, mas que serve de exemplo para todo um espectro de situações existenciais com as quais o ser humano se depara, dentro de si e em sua relação com o mundo social.

A importância crucial do capítulo inicial

O primeiro capítulo do *Sun Zi Bingfa* é, a vários títulos, de capital importância para o restante da obra. Nele é exposta não apenas a visão, tanto filosófica quanto estritamente militar, da questão central da segurança de Estado, mas igualmente todo um conjunto de outros conceitos fundamentais que percorrerão a obra como guias para todas as análises restantes. Essa sequência explicatória segue o seguinte roteiro:

A definição do objeto da obra – um Método Militar – e do quão importante, vital, para o Estado é a investigação abrangente, a análise comparativa dos fatores/elementos da Guerra. “A Guerra é o grande assunto do Estado, questão de vida ou morte, o *Dao* para a sobrevivência. Não pode deixar de ser investigada” (bu ke bu cha yeh, 可 察 也).

Cinco fatores básicos constituem esse campo de levantamento, o qual deve ser feito, como já vimos, por meio de investigação (cha, 察) comparativa (jiao, 校), que proporciona o planejamento (ji, 計), provindo da análise/avaliação (suo, 索) dos elementos constitutivos das *circunstâncias* (qin, 情), ou seja, da realidade que compõe cada um dos campos em litígio bélico real ou prospectivo, o próprio e o do adversário, de modo a chegar-se ao planejamento.

Tal procedimento abriga em sua abrangência cinco instâncias principais: 1) o *Dao* (道), 2) o Céu (tian, 天), 3) a Terra (di, 地), 4) o Comando (jiang, 将) e 5) a Logística (fa, 法).

A primeira instância diz respeito à coordenação moral e a legitimidade da qual advém quando em conformidade com leis do *Dao*. Em havendo, essa correspondência proporciona uma harmonia (*tong* 同) entre o povo e a instância superior, e com base nessa aliança o povo seguirá, *estará com* o soberano na vida e na morte, e *não temerá o perigo* (er bu wei yeh, 而 畏 危).

A segunda instância, o céu, diz respeito às coordenadas cosmológicas (mas aqui Sun Zi é pragmático, e limita-se a assinalar os pares Yin-Yang (阴阳), Frio-Calor e a importância das estações do ano e/ou controle de seu sistema (isto porque o carácter zhi (制), cuja forma atual é uma corruptela da arcaica, significa moldar, formatar, mas também *atuar sobre*, presta-se a essa interpretação)).

A terra, terceira instância, diz respeito à realidade do solo, as características topográficas, havendo portanto terrenos fáceis e terrenos difíceis, os perigosos, os mortais, etc. Sun Zi se dedicará exaustivamente à análise de todos os tipos de terrenos no capítulo 10.

O comando, quarta instância, diz respeito a se dispor de algumas qualificações essenciais: sabedoria (zhi, 智), lealdade (xin 信), magnanimidade (que é a tradução que cabe aqui ao ren, 仁), coragem (yong, 勇) e rigor/disciplina (yan, 嚴). Sun Zi, também em outro capítulo, elaborará um pouco mais sobre virtudes e fraquezas de um comandante.

Por fim o método, organização, logística, que Sun Zi define bem ao estilo de sua sintaxe ... *guang dao* (官道), ou seja, a via administrativa, da logística que tornará possível o funcionamento das linhas de suprimentos, comunicação, infraestrutura operacional, gerencialmente de pessoal, etc., etc.

De modo a explicitar ainda mais as características dessas cinco instâncias maiores, Sun Zi procede, num extraordinário estilo argumentativo, de maneira interrogativa: Qual dos soberanos, dos dois lados possui, é imbuído da sabedoria do Dao? Qual comandante possui capacidade (superior)? Quem obteve/detém (o conhecimento e a outorga: de, 得) das vantagens do Céu, e da Terra? Quem possui a sua logística/administração mais eficaz? E os exércitos mais poderosos? E as tropas e soldados mais bem preparados? E, por fim: Quem sabe (justamente) distribuir as recompensas e as punições?

Ele então arremata esse raciocínio afirmando: “por meio disso eu posso conhecer (se haverá) vitória ou *débacle*” (wu yi ci zhi sheng fu yi, 吾以此知胜负矣). E aconselha o soberano de maneira categórica: “aquele general que ouvir e seguir ouvir os meus princípios de análise/planejamento, vencerá – mantenha-o. Aquele que não o fez, não vencerá, dispense-o.

Avançando em sua exposição, Sun Zi traz então preliminarmente à tona um conceito vital, tão central que será o título do capítulo 5 da obra: Shi (勢), cuja tradução pode comodamente oscilar entre Momentum, Preponderância, Vantagem Estratégica e até mesmo *força potencial*, quase no sentido aristotélico de *dynamis*. Ainda de passagem, mas semeando o terreno, ele assinala: “haven-

do *momentum*, e por causa da vantagem, deve-se então regular o poder/potência (因利而制权也)".

Mas Sun Zi ainda não exauriu todos os tópicos, conceitos e princípios-condutores da obra que ele pretende expor já neste primeiro capítulo, imprescindíveis para a plena compreensão do restante da obra. Ele passa agora diretamente ao elemento vital das táticas: ardil, ludibrio, engodo. O caracter *gui* (詭) é interessante a esse respeito, pois que seu radical à esquerda é palavras (*yan*), enquanto que a sua parte esquerda é *wei* (perigo), a qual é não apenas indicativa da pronúncia, mas igualmente parte do sentido. Ludibrio, *deception*, é pois o perigo (*wei*, 危) que vem das palavras (*yan*, 言). E ele define o confronto militar, a guerra, como sendo também o (uso) a ciência/arte do ludibrio. E passa a listar os exemplos desses contínuos ardis, despistamentos, ambiguidades, falsas sinalizações, camuflagens etc. Essas técnicas de ludibrio serão abordadas ainda mais enfaticamente no capítulo 13, que trata do uso de espões e constitui matéria prima de um outro texto de fundamental referência a esse respeito, que incorpora sabedoria popular através de curtos provérbio e ditos (*cheng yü*, 成语). Refiro-me aqui aos 36 Estratagemas (*san shi liu ji*, 三十六計), os quais foram surgindo, paralelamente à lenta e contínua construção do pensamento militar chinês, como uma espécie de *vade-mecum* de estratégias, astúcias, postos na linguagem dos axiomas/expressões idiomáticas de quatro caracteres. Na mais recente compilação que se tem notícia esses são em número de 36 (6x6), arquitetura essa que não deixa certamente de ter um sentido numerológico, esotérico com ascendência no Yi Jing, subjacente.

Os 36 Estratagemas- San Shi Liu Jiu

Esses 36 estratégias são genericamente divididos em 6 grupos de seis provérbios: 1) estratégias em situações vencedoras; 2) estratégias de confronto; 3) estratégias de ataque; 4) estratégias em situações caóticas; 5) estratégias para avanços; e 6) estratégias para situações de desespero. Analisarei aqui sucintamente, apenas à guisa de ilustração, um estratégia de cada grupo:

瞞天過海: *man tian guo hai*. "Ocultar-se do céu ao atravessar o mar."

Desdobramento: criar uma situação de fachada que evoque transparência, a qual servirá como salvo-conduto para fazer às claras aquilo que constitui um desígnio secreto.

笑裡藏刀: **xiao li cang dao**. “Esconder uma faca atrás de um sorriso.”

Desdobramento: tornar-se íntimo e amigo do inimigo aguardando o momento apropriado para o inesperado ataque.

借屍還魂. **Jie shi huan gui**. “Tomar emprestado um cadáver para reavivar um espírito.”

Desdobramento: Lançar mão de algo muito especial e inusitado para reavivar algo considerado como anacrônico ou extinto. Trata-se de criar uma correspondência entre dois planos que eram tidos como obsoletos (a escola coreana interpreta por esta linha). Os geopolíticos chineses reavivam as lições/estratégias e táticas da época dos Reinos Combatentes aplicando ao “espírito da época atual (*Zeitgeist*)”.

關門捉賊 **guan men zhuo zei**. “Feche os portões para capturar os ladrões (invasores).”

Desdobramento: A metáfora do estrategema é a de deixar o inimigo penetrar profundamente no território e depois cerrar as vias de retorno, aproveitando então os recursos de conhecimento do terrain, e de outros fatores como o do tempo climatológico (*tian*). A Rússia serve de exemplo didático a esse respeito, tanto na campanha da invasão das tropas francesas quanto das alemãs, assim como a China em vários momentos da sua história.

樹上開花 **shu shang kai hua**. “(pendure) falsas flores nas árvores. (Pintar um pardal com as cores de um canário).”

Desdobramento: Mais um estrategema que lida com ludibriar o esquema de percepção do inimigo, o que prova o quão conscientes do problema da semiótica os chineses sempre foram. Caracteriza-se um objeto concreto com atributos que não lhe pertencem, para ludibriosamente moldar a percepção do inimigo.

E, por fim, o menos nobre e mais radical estrategema do escapar para sobreviver:

走為上計 **zou wei shang ji**. (Quando nada mais funcionar ... corra) “Escapar é o melhor estrategema.”

Desdobramento: este último estrategema é de uma objetividade não apenas brutal, mas absolutamente conflitante com uma série de princípios de honra do código do *Wushidao* (*Bushido* em japonês). Literalmente *corra* (zou, 走), como imperati-

vo no início de frase já que é esse o sentido universal do verbo em chinês clássico, e não o de *andar*, que é o sentido que tem em chinês moderno. Mas como a mente chinesa é pragmática e a sobrevivência é a arte de permanecer... O desdobramento aqui aponta para uma metáfora que, ao nível macro, significa que um país não deve lutar até o fim quando a compreensão da “situação” apontar inapelavelmente para a derrota. Se a Alemanha do final da Segunda Guerra Mundial tivesse integralmente conduzido à risca o imperativo de lutar até fim, talvez o país não viesse a se soerguer ao ponto que hoje chegou, já que sua população teria sido praticamente dizimada e suas instalações industriais arrasadas por completo.

A seguir à exposição da importância do fator ludibrio/ardil, Sun Zi volta a enfatizar a importância da *rationale* do calcular/planejar, agora como uma espécie de coda ao capítulo. Mas antes de avançar para a parte que encerra o capítulo, numa passagem que por assim dizer coroa a importância das ações de ludibrio descritas, ele emite um lembrete quanto ao imperativo crucial do segredo, de modo a que a eficácia operacional daqueles ardis não fique comprometida se forem divulgados antes (bu ke xian chuan yeh, 可先传也).

O capítulo encerra-se então com uma sociológica alusão à consulta (oracular) nos templos (*miao*): aquele que planeja/calcula o máximo possível terá maiores chances, aquele que calcular/planejar menos terá menos chances. E ele ironiza: “o que dizer daquele que não faz qualquer avaliação (er kuan yü wu suan hu, 而况于无算乎)”

Portanto: investigar, comparar, analisar exaustivamente as “situações” – leia-se: realidades – dos dois lados. Mas adiante na obra, Sun Zi radicalizará quasi-ontologicamente essa assertiva numa série de postulados, tais como “conhecer a si mesmo é superior, conhecer o inimigo é a segunda coisa mais importante”. Os capítulos subsequentes da “Arte da Guerra” darão plena vida, em múltiplas direções e níveis, à realidade drástica da guerra, questão suprema para o Estado, assunto de vida ou morte.

A *rationale* ética de ascendência daoista, mais do que propriamente confuciana, estará atravessando o texto, e talvez o seu moto maior seja o de que “é mais importante evitar uma guerra do que encetá-la, pois que causa inevitavelmente destruição e sofrimento”. Contudo, se inevitavelmente encetada, deve-se procurar vencê-la de maneira a mais expediente possível, pois que a “vitória sobre um país intacto (*quan guo*) ou sobre um exército intacto (*quan jun*) é sempre superior às outras opções”. “A vitória superior é aquela que se vence sem

ter que travá-la". "A mais alta expressão de capacidade é interceptar os planos do inimigo", "a segunda mais alta forma é interromper a comunicação de suas tropas". E, por fim, por isso é dito (故 曰): 知 彼 知 己 者 , 百 战 不 殆 ; 不 知 彼 而 知 己 , 一 胜 一 负 ; 不 知 彼 不 知 己 每 战 必 殆 zhī jǐ , yí shèng yí fù ; bù zhī bǐ bù zhī jǐ , měi zhàn bì dài 。 。 "quando se conhece o outro (bi) e a si próprio (ji) – cem guerras nenhuma derrocada (dai) ; não conhecer o outro e conhecer a si próprio, uma vitória, uma derrota; quando não se conhece o outro e não se conhece a si próprio, a cada batalha uma derrocada!

(fim da primeira parte)

BIBLIOGRAFIA SUCINTA, EDIÇÕES/TRADUÇÕES CHINESAS (PARA O CHINÊS MODERNO) E EM LINGUAS OCIDENTAIS

- 九龍: 孫子校釋. (Wu Jiulong Sunzijaoshi: Beijing: Junshiexuechubanshe) Beijin, 1991. Considerada como uma das melhores edições críticas, dentre as dezenas disponíveis.
- 許威漢 : 孫子兵法讀解大全 (Xu Weihàn: Sungzi bingfa dujie daquan). Shanghai: Zhongzhongujichubanshe, 1992. Contém importante glossário.
- AMES, Roger. *Sun-Tzu. The Art of Warfare*, New York: Ballantine Books, 1993. Ed. Bilingue com base no texto recentemente descoberto. Baseia-se fortemente em Wu Jiulong.
- BUENO, André. *A Arte da Guerra Chinesa - a História da estratégia na China, de Sunzi a Mao-zedong*. 2011, 150p.
- CARDOSO, Alberto Mendes. *Os Treze Momentos: análise da obra de Sun Zu*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército ed., 1987.
- GRAZIA, Sebastian de (ed). *Masters of Chinese Political Thought: From the beginnings to the Han Dynasty*. New York: Viking Press, 1973.
- LÉVY, Jean. tr., *Sun Tzu. L'art de la guerre*, Paris: Hachette, 2000. A mais recente versão francesa com base no texto descoberto em 1972. *Sun Tzu: The Art of War*, (Thomas Cleary, translation & commentary), Boston: Shambhala Publications, 1988), A tradução de T. Cleary tem um teor fortemente filosófico e algo poético.
- MINFORD, John. *The Art of War. The essential translation of the classic book of life*. New York: Viking, 2002. Minford é sinólogo e copioso tradutor de textos do chinês clássico e moderno. Talvez apenas o sueco Göran Malmqvist haja traduzido tanto modernamente.
- NIQUET-CABESTAN, Valérie. *Sun Zi*. Traduit du Chinois. Paris, 1988. Excelente versão francesa.
- SAWYER, Ralph D. *The Complete Art of War (Sun Zi, Sun Bin)*. 1992. Sawyer é considerado

para além de qualquer dúvida um dos maiores especialistas ocidentais em pensamento militar chinês.

_____. *Military Methods*. Westview Press, 1995. Excelente edição bilingue do Sun Bin.

_____. *The Tao of Deception. Unorthodox Warfare in Historic and Modern China*. Nova York: Basic Books, 2007). Um dos mais argutos estudos sobre a tradição chinesa do estratagemas e do ludibrio/ardil.

SUN-TZU. *The Art of War*. Translated by Samuel B. Griffith. Oxford, Clarendon Press, 1963. Existe uma bela tradução brasileira em edição de luxo.

WALDRON, Arthur. The Art of *Shi*. The New Republic. *A review of Cultural Realism: Strategic Culture and Grand Strategy in Chinese History*. 1997, June 23, pp. 36-41. Interessante estudo sobre o conceito axial da vantagem estratégica ou momentum- *shi*.